

PORQUE SEMPRE FUI UM BOÇAL

EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

Sempre fui atraído pela cultura africana, desde o toque dos tambores. Toques estes que me deixam arrepiado, levando-me aos mais longínquos recantos da minha memória e conduzindo-me a um esquecimento que me fixa no agora como um transe. Coisa que só o conjunto *rum*, *rumpi* e *lé* consegue, através da música, suscitar em mim o verdadeiro sentido da experiência estética, a fruição que é o meu sentimento perante a arte, que a completa e me conduz de um estado contemplativo para além dela. A música percussiva é a expressão estética mais natural que proporciona a síntese harmônica entre o homem, a obra de arte e a natureza; é o verdadeiro odara, estado de espírito onde a beleza e a justeza estão juntas harmonicamente. A música, a mesma que faz os orixás “baixarem” em corpos humanos é capaz de religar-me à cultura que naturalmente clama por mim e pela qual eu me realizo, reencontrando-me comigo mesmo e com a minha cultura, pois ela é a música, é a porta de entrada, a passagem para o encontro com os povos de cultura africana, os tambores que chamam a vinda dos orixás, anunciam uma cultura milenar sedutora, misteriosa onde a presentificação se dá através da estética, da sedução, do segredo e da aparência, pois os tambores são seres que falam, que transmitem as experiências que recebem dos ancestrais, são mensageiros, pontes entre o passado e o presente anunciando um futuro, seres de vida própria e magia. Os tambores são capazes de vencerem a inércia e animarem um corpo, tirando-o do estado estático e inanimado, pondo-o em um movimento harmônico, enchendo-o de vida.

A execução do canto negro em yoruba ou em português, nos protestos de Ylê Aiê e Olodum, ou mesmo, em inglês, no reggae de Bob Marley, onde o baixo eletrônico no seu pulsar cadenciado substitui a forte marcação dos tambores muito me agrada, constroem o sentido de uma identidade, de um pertencimento, de um coletivo que me preenche de valores até fazer-me transbordar de África, transbordamento este que mesmo sem programação prévia, mesmo sem a intenção resulta na dança de todo o meu corpo, numa explo-

são de sedução e encantamento participativo fluitivo que só a cultura africana tem, por isto sou boçal, boçal no sentido de perceber a cultura africana que para o ocidente não é cultura e, sim, algo menor, uma manifestação primitiva, bárbara e animista, não tendo o mesmo status da cultura ocidental, pois esta, para o ocidente, está diretamente ligada ao progresso civilizatório europeu, onde o desenvolvimento tecnológico, o domínio da natureza e a harmonia, passam a ser o sinônimo de povo culto, que tem sua maior manifestação no consumo, na aquisição de bens para acumulação, na utilização dependente das tecnologias modernas, na utilização desenfreada e inconseqüente dos recursos naturais.

Acho que sempre fui boçal, embora estudasse a cultura ocidental não conseguia descolar-me da minha e, ao contrário, quanto mais eu lia mais percebia o etnocentrismo desqualificante vindo da Europa, tomado como verdade absoluta e irrefutável por parte dos doutores brasileiros, enquanto eu fortalecia a minha herança vinda dos ancestrais africanos e, com isso, recusando-me a uma total integração aos costumes europeus, ditos civilizatórios, mas que não passam de escravagistas em nome da acumulação de bens de caráter simbólico quanto de um poder que favorece o capital acumulado ao longo da história.

Sou boçal por mais pejorativo que seja o sentido desta palavra hoje, não sou ladino e nem crioulo, luto com resistência, para não ver o desaparecimento de uma cultura, que embora seja um atraso pelos ditos civilizados europeus é para mim uma maneira de ser e viver africanamente, que tem muito a ensinar aos doutores ocidentais e suas categorias que até hoje não deram conta dos problemas sociais do mundo.

Sou boçal desta forma, não por ignorância da cultura ocidental, sendo que era este termo usado pejorativamente para chamar os negros recém-chegados da África que ainda não tinham se integrado à cultura colonizadora européia. Sou boçal por resistência e consciência de quem conhece uma maneira diferente de pensar, maneira esta que é uma filosofia própria e apropriada do ser africano no mundo. Sou boçal sem ressentimentos, pois sei que sou mais, por saber da minha cultura e da cultura do outro, conseguindo desta forma pensar com as duas lógicas sem que uma traga prejuízo à outra, pois acredito em uma coexistência pacífi-

ca e tolerante dos sistemas filosóficos e religiosos de culturas diferentes. Penso que, quando isto acontece, uma cultura termina enriquecendo a outra na unidade interna dos diferentes, pois os dedos das mãos são diferentes e juntos constituem a força e destreza vital da mão.

Eu sempre fui boçal, pois eu sempre achei que se o progresso fosse uma coisa boa, traria o bem eterno ou a divisão de renda. Eu nunca gostei de shopping center e acho que o progresso é um mero construtor de não lugares, sem propósito coletivo, sem sentido do ponto de vista civilizatório que para o africano é sempre inclusivo, voltado para a comunidade e a família; já a civilização do shopping é excludente, uma vez que exclui os que não têm poder aquisitivo, os que não podem consumir.

O progresso do ocidente abriu uma barreira muito maior entre aqueles que podem e os que não podem consumir, terminou por cindir uma sociedade que já apresentava fortes sinais de hierarquização das diferenças, consolidando a exploração capitalista, rotulando de selvagens todos aqueles que não o acompanharam, destruindo os significados de algumas culturas milenares e consolidando a colonização através da globalização. Extinguiu muitos animais, poluiu e devastou a natureza, criando marcas doentias e crônicas no planeta, não se preocupando com a ecologia, quase causando a sua destruição.

Eu sempre fui boçal, pois nunca gostei de ordem. Que ordem é esta imposta de cima para baixo, onde quem manda é quem tem dinheiro e informação? Onde o tempo é igual a dinheiro, e aqueles que não têm sempre têm que se enquadrar?

Que ordem é esta? Que fala das diferenças da cultura brasileira, concordando com a existência de negros e índios na tentativa de criar uma unidade identitária, dizendo que não exclui, mas que devido às proporções que estas culturas são aplicadas na educação, fica claro o preconceito e racismo intelectual que resume a cultura brasileira ao eixo Rio – São Paulo, chegando no máximo até a Bahia e Recife e, assim, termina proporcionalmente excluindo a maior parte das manifestações culturais do país.

Que ordem é esta? Que na tentativa de criar uma unidade identitária termina apagando as raízes africanas e

indígenas da cultura brasileira, negando suas origens ou dando-lhe apenas uma importância folclórica de segundo plano em relação à cultura ocidental.

Na verdade, o sentido desta ordem e deste progresso foi sempre numa tentativa de europeizar o Brasil, foi sempre no sentido de enfraquecer, de ocidentalizar, de gerar uma hegemonia da cultura, onde a negritude e a indignidade fossem uma coisa menor. Foi sempre uma tentativa de apagar as culturas que o Brasil possui. Vide o incentivo às imigrações de italianos, alemães, europeus em geral, no século passado e, sendo assim, progresso e ordem estariam diretamente ligado ao afastamento da verdadeira identidade brasileira para a preparação igualitária ao processo civilizatório europeu.

Verificando esse processo que forma o que chamamos de cultura européia ou ocidental, vemos que as ciências do Ocidente foram geradas no âmbito da filosofia grega, que desprezou as aparências e optou por uma procura desmesurada de coisas essenciais e de busca incansável pela verdade e pelas luzes, esquecendo-se do turco Heráclito de Éfeso, o obscuro que firmava todo o conhecimento na luta entre os contrários como fonte geradora de tudo.

Para Heráclito, entre essência e aparência há uma intervenção onde os sentidos se invertem sem exclusão, onde uma é tão importante quanto a outra, no seu pensamento tudo está ligado e os contrários ganham uma importância de serem os geradores do cosmo. Ele percebe a ligação de tudo em um a partir da força demoníaca e geradora dos contrários, sendo que para ele "os homens ignoram como o divergente consigo mesmo concorda, harmonia de movimentos contrários como do arco e da lira. (COSTA, 2002, p.198)."

Para o obscuro, o mundo é movido por contradições dos opostos e é a guerra a geradora do princípio cósmico que mantém tudo em constante movimento e tensão, que cria e recria o cosmo em que vivemos.

Este pensamento heracliano que tem como ponto de partida o movimento constante "nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos" (ibidem) culminando com a guerra dos contrários tem como símbolo de mudança o fogo, para ele, sábio é aquele que percebe este movi-

mento sábio, é aquele que pode ver o *logos*, que rege todas as coisas.

Diz Sodré:

No pensamento de Heráclito, o *logos* constitui a ordem eterna e imutável das cousas (em oposição a uma ordem, mutável e passageira, consubstanciada na harmonia visível) mas também a sua medida (metros). À medida submetem-se, no mundo, a vida e a morte, o calor e o frio, o novo e o velho. Através dela, o *logos* imprime coerência e lógica às coisas do mundo. Esta lógica é garantida por uma relação permanente entre o *logos* e o princípio universal primeiro, o fogo, que é a face dinâmica motriz do *logos*. (1988, p. 17).

Heráclito percebe a harmonia invisível do mundo gerada pela dinâmica dos contrários. Ele sim, valoriza a aparência no processo estético, valorizando assim o mítico, o poético, o jogo. Este conhecimento invisível alimenta a minha boçalidade, diferentemente do pensamento platônico que valoriza o visível e para o qual o discurso do poeta e artista não seria verdadeiro, por estar fechado em si mesmo.

Eu, boçal que sou, aproximei o meu pensamento de Heráclito, para o qual a própria existência humana é um fenômeno estético, para ele “o *éthos* do homem: o *daímon*” (COSTA, 2002, p. 199) é o dinamismo que tem o poder de mudar de criar que é, ao mesmo tempo, essência e aparência do homem. O grande criador capaz de, por si e consigo próprio, ensinar e aprender, de transformar-se, de vir a ser.

De certa forma, o pensamento de Heráclito foi desprezado pelo Ocidente que buscou o caminho seguido por Parmênides, onde somente o *ser* tinha cunho de verdade e de ciências, não permitindo a possibilidade do *não ser*, que para ele era apenas uma aparência, que não era passivo de ser conhecido. Este pensamento, já excludente na sua origem, vai embasar a idéia platônica das essências com idéias perfeitas e como verdade suprema em detrimento as aparências que para Platão era pura *doxa* não tendo nenhuma validade para o conhecimento perfeito e matemático, conseqüentemente são estes pensamentos os pilares da ideologia e cultura do ocidente.

Porém, foi Nietzsche que, bem antes de Heráclito, mostrou a inversão dos valores que o cristianismo provocou

à sociedade atual, pois o justo forte e corajoso deu lugar ao fraco escravo, covarde e piedoso, de maneira que o homem moderno sinta vergonha de sua coragem e lute por uma vida melhor aqui na terra, para que este homem fique apanhando e resignadamente à espera de um julgamento na hora da morte, um juízo final, em que sejam julgados os vivos e os mortos, tudo conforme a vontade divina, lá no céu, perdendo, assim, a vontade pela própria vida, tornando assim a natureza sem valor, pois todos os valores foram remetidos para um mundo além do físico. Um Deus que não mora aqui e não satisfaz os nossos desejos, jejuando, pois os prazeres desta vida são vistos como pecado, comer é um pecado, fartar-se, degustar é um pecado, ficando em silêncio perante injustiças, pois o justo, o misericordioso é o Senhor e o Seu reino estão no céu e os sentidos físicos aqui na terra nada vale perante a Ele, o nosso Pai. Para que, enfim, este homem isole-se e reze, pois só a oração, a vontade ascética espiritual é virtuosa e só ela leva o homem à salvação.

Para Nietzsche, o mais importante é o homem, a natureza, o mundo e deixar o amor do homem pelo homem em um plano inferior é o estúpido e brutal golpe do cristianismo à humanidade, pois:

Amar o homem, pelo amor de Deus neste sentimento foi até agora o mais aristocrático e o mais elevado que já se conseguiu alcançar entre homem. (NIETZSCHE, 1977, p. 78).

Deste modo, a religião cristã na mão do filósofo é uma arma potente que pode servir tanto para o benefício dos homens em comum, como pode ser uma arma nas mãos do dominador, do opressor. A educação, através da religião, tanto forma como destrói o homem.

Para os fortes, para os independentes, preparados e predestinados a dominar, nos quais se personificam o intelecto e a arte de uma raça dominante, a religião é um meio a mais para suprimir os obstáculos; para poder reinar. (Ibidem., p. 78).

A religião cristã serve para apaziguar os súditos perante os seus dominadores, formando uma consciência co-

letivã, obediente e submissa, tornando esta maneira de submeter mais pacífica e menos desgastante, evitando atritos desnecessários, pois se, bem usada, foi a religião o principal cabo eleitoral do rei, assim como, hoje, é o cristianismo importante eleitor de presidentes.

E assim, é para Nietzsche, a religião católica, o cristianismo o responsável por paz no coração dos homens para que em nome de Deus estes não se rebelem e tornem-se satisfeitos, fazendo com que suas existências fiquem monótonas e suas almas dóceis e facilmente submissas.

Cumpra à religião o papel de aplacar a dor dos que são fracos, dos sofredores; dos molestados, daqueles que deveriam ter sido abortados pela vida e que agora para o cristianismo passam a ser os melhores, pois a máxima do cristão é, quanto mais sofrimento nesta vida melhor e mais rápido será alcançado o reino dos céus.

Foi, sem dúvida, segundo Nietzsche, este o legado da religião cristã para a Europa, a inversão total de todos os valores.

Enfraquecer os fortes, diminuir as grandes esperanças, tornar suspeita a felicidade que reside na beleza, transmutar tudo aquilo que há de independente, de viril, de conquistador, de dominador no homem, o tipo mais elevado e melhor sucedido [...] (Ibidem, p. 82).

Ele também me despertou para o conhecimento de quem eu sou, foi ele que me fez ver a necessidade epistemológica que move a minha curiosidade e minha ânsia de levar algo para casa, julgando ser este algo um tesouro do meu conhecimento.

Nós homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”. Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas sendo por natureza criaturas aladas e coletoras de mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo “para casa”. (NIETZSCHE, 2004, p. 7).

Foi Nietzsche que me alertou para que eu não contasse errado, “as doze vibrantes batidas da nossa vivência da nossa

vida, do nosso ser" (Ibidem) e com isto me afirmei mais boçal, ainda, levando sempre comigo a minha origem, transformando-me sempre em outra coisa, me acrescentando, porém sem nunca desacreditar que a cultura na qual eu tenho a origem tenha menor ou maior valor de conhecimento filosófico.

Sou um homem negro, antes mesmo de ser acadêmico, sendo que, negro está antes mesmo de ser homem. A cor e a cultura colocam-me diante dos meus antepassados africanos, identificam-me, falam por si. Quando um grupo de estudantes me entrevista sobre assuntos relacionados com a negritude, a afrodescendência e o candomblé é porque, mesmo sem que eu diga que sei ou não sobre tal assunto, o meu estereótipo já lhes dá uma pista, que pode ser errada, sobre a minha origem e sabedoria, mas que é um caminho a ser seguido, caminho este que para mim já é uma responsabilidade que clama por uma ética.

Aproximei-me do mundo acadêmico, degluti com voracidade da filosofia ocidental alguns clássicos germânicos e franceses e os transmutei de uma maneira própria que só um negro, um afrodescendente brasileiro, nascido em Salvador, na Bahia, que sabe como é ser negro e como vivem os negros, pode fazer. Esta condição coloca-me na obrigação de sempre relacionar o que eu sou com o que faço ou escrevo, torna-me responsável pelos que aqui estão e os que estão por vir, pois, creio, como Epicuro, que estes que estão por vir também são nossos. E este meu sentimento de responsabilidade e de identidade com a comunidade a qual pertencço, pois é somente nela, na comunidade, que o eu me torno igual a outros e a identidade aflora.

Assim, a minha boçalidade leva-me a descolonizar a minha mente e a dos meus, tornando-se o ponto de tensão que gera este escrever próprio, onde não há lugar para a hipocrisia e a transgressão (para com a colônia é uma constante), tendo sempre em vista o resgate da cultura dos antepassados, perdida ou desacreditada, por determinação do colonizador, que escreveu a história do seu ponto de vista; é um equívoco pensar nas tradições africanas, sem desacostumar o olhar das tradições ocidentais.

Boçal que sou, percebi que, no Ocidente, após a Segunda Guerra o termo ideologia estava diretamente ligado a um poder sobre a consciência das pessoas, a novas

formas de dispositivos sociais de policiamento, de normatividade, de controle social e de autorização do que é culturalmente válido, do que é erudito, do que é científico. Estes discursos ideológicos visam sempre a legitimação através da razão científica pretensamente neutra dos detentores do poder social. Ex: escola, estado, família, etc.

Para Sodré, nesta época:

A idéia de cultura, que surgira como uma tentativa de unificar os argumentos de legitimação do poder burguês sobre o sentido – à base de um discurso de verdade absoluta, porque se tratava da demonstração científica da referência realista, da produção de um real definitivamente oposto a um imaginário – perde hoje a sua força para discursos que apagam os esquemas clássicos de localização do poder e que põem em questão os velhos valores. Em outras palavras, a antiga linguagem de legitimação cede lugar aos discursos da especialização e da eficácia tecno-científica, através da contaminação de todo o espaço social pelos signos de poder. Torna-se assim teoricamente mais oportuna a distinção entre os conceitos de ideologia e cultura, entre o poder e seus limites. (1988, p. 56).

Deste modo, aquilo que é cultura, ideologicamente falando, se opunha diretamente ao mito, pois cultura é real, científica e racional, é tecnologia, em suma, é o positivismo, ordem e progresso, negando espaços para o imaginário mítico do homem e sempre voltada à descoberta de uma verdade absoluta e universalizante.

Esta ideologia se estende por todas as áreas do conhecimento, falando sempre de uma autonomia dos sujeitos com desligamento do passado, desabilitando as ontologias míticas e dando lugar a uma moralidade regulada pelo psiquismo.

Ela, a ideologia, é a formadora de um discurso no qual toda a verdade será universal e virá à tona, através das ciências, que é dominada por quem detém o capital e torna-se o legítimo dono da verdade e do poder, rechaçando sempre o diferente, isto é, aquele que pense de outra maneira, com outra lógica, os boçais, como eu.

Desta forma, a ideologia vigente censura todo tipo de pensamento discordante tornando quase impossível pensar africanamente, ser um boçal. Podemos ver isto na fala de Henrique Cunha:

Não se pensa aqui na liberdade de expressão das diversas culturas brasileiras, estas são raramente organizadas pelo pensamento universitário, geralmente sequer apresentadas ou minimamente reconhecidas. As diversas culturas são reprimidas, não representadas nos espaços públicos promotores de transmissão cultural. O que está em discussão neste texto são as percepções sombrias que os intelectuais brasileiros conseguem ter destas culturas. Penso que os intelectuais nacionais são míopes para estas culturas. Inexiste preocupação em organizá-las nos centros de representação da cultura nacional. A título de depoimento, devo dizer que as duas primeiras vezes que não me senti sufocado, que saí deste estado de quase asfixia, pela branquidade conceitual sistemática e ideológica da cultura nacional, foi quando cursava mestrado em História em Nancy (França) e depois no Caribe. (2001, p. 8).

É interessante perceber como o Brasil quer ser mais europeu que a própria Europa, pois observando a fala de Cunha Junior, foi na França que ele encontrou mais liberdade para seu pensamento do que aqui, onde existe um policiamento para que não fujamos da forma de pensar do colonizador, onde os intelectuais usam a coleira da referência bibliográfica para submeter o pensamento de seus discípulos não permitindo a estes uma forma original de pensar que não venha da Europa, pois para estes tolos fora dela não há cultura.

É esta a forma em que se manifesta o racismo epistemológico e intelectual brasileiro, discrimina a si mesmo, sua base cultural afro e indígena, tomando como única verdade e forma de fazer ciências de educar, pensar e filosofar a forma européia.

Outra coisa que fica latente neste processo racista é que todos que ousam pensar diferente desta elite intelectual de visão estreita e tida como racista é preconceituoso.

O europeu é compulsório no Brasil. Quase somente ele (europeu) pensa culturalmente. Quando não diretamente, fica como fantasma assombrando os pensamentos. Todos devem pensar através dele, quer pelo menos pela obrigatoriedade bibliográfica. Não são lidos intelectuais africanos nas universidades brasileiras. Nem mesmo reconhecem a existência destes. (Ibidem).

A minha boçalidade me permite o reconhecimento das diferenças entre os cânones estéticos europeus e os cânones estéticos africanos sem tirar deste a mesma qualidade e eruditos da estética européia.

Para mim o simbólico vale mais que a realidade, não existe a prova do real, e sim, o significado, o símbolo, vida e morte não são estados de evolução ou progresso do espírito, como queria Kardec, e sim, na minha boçalidade africana, somente troca simbólica de estado biológico, pois o ancestral morto estará sempre presente como um parceiro, um fortalecedor do axé comum a todos os vivos e mortos. O axé é energia vital para existência e transformação, é o dinamismo que move a tudo e a todos.

A minha boçalidade me permite pensar na força do jogo do faz-de-conta, da malandragem pedagógica, da ca-poeira, no mistério do segredo, na sedução do enigma, na força de Exu como princípio individual e da comunicação que leva a energia, o axé entre o orum e o aiê, o mensageiro entre mundos e grande provocador capaz de gerar uma discussão filosófica de cunho pedagógico sobre a relatividade da verdade a partir de uma brincadeira.

Desta maneira, ser boçal é ser livre para criar sem coleiras, nem ideologias determinantes de pensamento, é poder "respirar" como diz Cunha, é viver sem querer forçar a revelação do segredo, é valorizar a "sedução", como diz Sodré, é viver sem o grande categórico da ideologia moderna, onde tudo tem que ser dito.

A "boçalidade" (ou a "africanidade") era a garantia da persistência de valores tradicional-comunitários míticos. E são africanos ou próximos a africanos aqueles que fundaram, em data imprecisa do século XIX, o primeiro terreiro nagô (egbé) na Bahia. (SODRÉ, 1988, p. 125).

Por isso, eu sempre fui e vou continuar sendo um boçal. Em busca de um conhecimento ancestral, de uma filosofia africana.

Referências Bibliográficas

COSTA, Alexandre. *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Tradução de Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidade, afrodescendência e educação. *Educação e Debate*, Fortaleza, UFC, n. 42, v. 2. 2001.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá*. Salvador: Edufa, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Marcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1977.

_____. *O anticristo*. Tradução de Carlos Grifo. Lisboa: Presença, 1988.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos orixás*. Tradução de Maria Aparecida Nóbrega. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997.